

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

**PANTANAL:** notas e considerações sobre identidade, cultura e representação<sup>1</sup>

**PANTANAL:** notes and considerations on identity, culture and representation

**PANTANAL:** firmas y consideraciones sobre identidad , cultura y representaciones.

ILSYANE DO ROCIO KMITTA

Doutoranda do Programa de

Pós-Graduação em História – PPGH/UFGD/CAPES

Dourados-MS

[ilsyanekmitta2@ibest.com.br](mailto:ilsyanekmitta2@ibest.com.br)

**Resumo:** O intuito do texto é apresentar, mesmo que em parte, uma análise no que tange a construção de identidades e representações nos pantanais e os elementos e as relações simbólicas implícitas presentes nessa constituição, onde o discurso regionalista tem por função impor e legitimar, de fazer conhecer e reconhecer a região. Relações essas pautadas nos discursos produzidos e nos grupos envolvidos nesse processo de construção que envolve um sistema simbólico que atua e interage com o imaginário que ao mesmo tempo em que limita também delinea o espaço pantaneiro, transforma e tangencia as relações do homem com a natureza, com o ambiente em si e com os elementos margeantes do mesmo.

**Palavras-chave:** Pantanal. Identidade. Representações. Cultura.

**Abstract:** The purpose of the paper is to present, even in part, an analysis regarding the construction of identities and representations in the “pantanais” and implicit symbolic elements and relations present in this constitution, where the regionalist discourse has the purpose of imposing and legitimate, to get to be known and recognize the region. These relationships are based on produced discourses and groups involved in the construction process that involves a symbolic system that acts and interacts with the imaginary the mutually limits the outlines the Pantanal space, transforms and touches man’s relationship with nature, the environment itself and the elements around it.

**Keywords:** Pantanal. Identity. Representations. Culture.

**Resumen:** El intuito del texto es presentar , aunque en partes, un análisis sobre la construcción de identidades y representaciones en los pantanales y los elementos y las relaciones simbólicas implícitas que están presentes en esa constitución, donde el discurso regionalista trae como función imponer y legitimar, hacer conocer y reconocer la región. Relaciones esas presentes en los discursos producidos y en los grupos que se envuelven en ese proceso de construcción que presenta un sistema simbólico actuante y que se integra con el imaginario y que limita el espacio pantanero, cambia y tangencia las relaciones del hombre con la naturaleza, con el ambiente en sí y con los elementos que le circundan.

**Palabras clave:** Pantanal. Identidad. Representaciones. Cultura.

Inicialmente, no que tange ao estudo dos processos de construção ou forjamento identitário, é preciso considerar as relações de forças objetivas, materiais e simbólicas, e os esquemas práticos, implícitos, contraditórios, confusos, graças aos quais os agentes classificam os outros agentes e apreciam a própria posição nestas relações objetivas, e as

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em 21/06/2014 e aprovado para publicação em 20/07/2014.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

estratégias simbólicas de apresentação e de representação de si que eles opõem às classificações e às representações que os outros lhe impõem. Assim, as lutas no domínio da imposição simbólica buscam, através das representações, produzir a existência daquilo que enuncia, ou seja, de fazer existir a coisa nomeada.

No caso do Pantanal, as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, nesse processo de conhecimento e/ou reconhecimento – das identidades – e a objetivação do discurso – das representações – não dependem apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém, ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado e na objetividade do grupo a que ele se dirige, não se configurando como uma relação de recepção passiva, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo, assim como nas propriedades materiais ou imateriais que eles têm em comum. Seria ingênuo pensar que tais elementos não estão sobrepostos em um tabuleiro, cujas peças trazem marcas e signos do poder ali instituído, mesmo que este não esteja visível.

Para uma melhor compreensão, buscamos a análise de Roger Chartier<sup>2</sup> quando ressalta que se por um lado a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública, a exposição de uma pessoa ou coisa. Por esse viés, temos, na primeira acepção, a representação como instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é. Segundo Roger Chartier<sup>3</sup>, as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. As representações coletivas mais elevadas só têm uma existência a partir do momento em que comandam atos que têm por objetivo a construção do mundo social e, como tal, a definição contraditória das identidades, tanto as dos outros como a sua.

A partir do exposto acima, entendemos que designar o Pantanal como um paraíso das águas, muito comumente difundido pela mídia, produz uma leitura simplista e reducionista de lugar edênico, de paraíso ecológico. Assim, se considerarmos que o uso da linguagem não é inocente, que ela é portadora de significados, que está permeada por símbolos, obtêm-se a produção e a evocação de imagens idílicas e fugidias da natureza

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>3</sup> CHARTIER, op. cit.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

pantaneira que, por deveras, não condizem ao lócus ao qual se refere. Assim sendo, são naturezas construídas pela ótica dos discursos de interesses econômicos, portadores de intenções preestabelecidas e obviamente portadoras de relações intrínsecas de poder.

As representações criadas sobre o Pantanal em meados da década de 1970, para a inserção de uma nova atividade econômica para o Estado e a veiculação dessas imagens para fins turísticos, apresentam-no como um lugar natural, porém, artificializado. Desse modo, difunde-se uma representação deslocada do real onde as águas preenchem em grande parte esse imaginário, tal a voluptuosidade, grandeza e encantamento com que são apresentadas. Nessa construção, a realidade do espaço tem importância inferior ao sistema de imagens que evocam a paisagem e a cultura e respondem pelo consumo ao qual se destina, temos, portanto, uma natureza/mercadoria. No caso específico do Pantanal, a imagem comercializada é de um santuário ecológico, paraíso de espécies da fauna e flora, do mosaico das águas espriadas, atuando como pano de fundo para sua comercialização turística. Encanto e natureza mesclados e retidos na construção de um fabuloso imaginário turístico, onde muitas paisagens são arquitetadas na relação das linguagens e sistemas míticos, narrativos, simbólicos e performativos.

A construção de um sistema simbólico, que atua e interage com o imaginário que delinea o espaço pantaneiro, transforma e tangencia as relações do homem com a natureza, com o ambiente em si e com os elementos margeantes do mesmo. O rio Paraguai integra o imaginário pantaneiro, e as cidades que foram erigidas em seu entorno encontram e/ou têm no rio sua identidade. Nesse sentido, o rio constitui-se no elemento importante ao longo da História de Mato Grosso e, posteriormente, do Mato Grosso do Sul, no que diz respeito às fixações populacionais no entorno de suas margens. Ao relatar esses fatos, verificamos que eles estão como que intimamente ligados à água, ao rio que se espraia pelos pantanais. A água, por sua vez, exerce um fascínio que ultrapassa a ideia do apenas morar próximo às margens do rio. Para muitos desses moradores, o rio é a sua identidade, a sua referência enquanto um morador urbano no Pantanal.<sup>4</sup>

Nesse quebra-cabeça pantaneiro, onde as águas desempenham o papel do tabuleiro de apoio, é muito comum identificar elementos que compõem traços de humanidade, como muitos falam. O homem que, por deveras, foi alijado nos textos que mostram os pantanais, tem por eles um amor indelével. Cultua-os em seu aspecto

---

<sup>4</sup> KMITTA, Ilsyane R. *Experiências vividas, naturezas construídas: enchentes no Pantanal (Porto Murtinho 1970-1990)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, 2010.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

transcendental, sem deixar de lado o agir oportunista no que tange à sua sobrevivência. É um homem audacioso, embora aparentemente passivo, conformista e quieto. Para esses homens, o pantaneiro define-se com paixão, com amor e tenência e que, mesmo desconfiado, não foge da labuta cotidiana, do cuidado com as coisas, no trato com a natureza. É manso, mas se for preciso vira fera para defender o Pantanal. E na concepção da natureza pantaneira, muitos elementos desta são atribuídos como valores para o homem, contribuindo na constituição de uma identidade onde fatores como a formação dos espaços figuram como decisivos.

Desse modo, inserido na imensa planície alagável e nordeado por condições muito particulares, esse homem seja ribeirinho, peão, fazendeiro, morador urbano, está integrado e habituado a tudo que o cerca, convivendo com paisagens móveis, com as constantes alterações do ambiente causadas pelas enchentes. A assimilação e a fusão de hábitos e costumes indígenas, paraguaios e bolivianos, onde a proximidade e a cumplicidade com a natureza favoreceram uma cultura típica pantaneira que está presente na visão de mundo, no folclore, na culinária, na música e na arte, revelando elementos do seu universo simbólico. Essa representação e essa interação são partes integrantes da identidade regional, local. Esta é significativa e necessária e marca os enfrentamentos entre homem e natureza, que foram constantes para o estabelecimento e permanência na região<sup>5</sup>. O desenvolvimento socioeconômico e sociocultural se mantém atrelados, sendo constantemente formatados por novos discursos que enaltecem a natureza, suas particularidades e especificidades da planície pantaneira.

O estereótipo de paraíso construído para o Pantanal traz como pano de fundo a ideia de que não ocorreram alterações no ambiente com a introdução de novos elementos e técnicas, promovendo a ideia de paisagens estanques. No entanto, não há a menor possibilidade de se pensar que os habitantes dos pantanais mantiveram esse ecossistema estanque, vivendo em harmonia com a natureza, sem que se adentrasse no latente processo gradual da “modernidade”, aqui pensada como transformações que possibilitam o desenvolvimento de atividades econômicas na planície pantaneira como, por exemplo, a pecuária e o turismo.

Se por um lado analisarmos que a natureza é parte integrante da natureza humana, por outro lado, é possível afirmar que há uma ligação tênue entre ambas que ultrapassa a

---

<sup>5</sup> LEITE, Eudes Fernando. Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação. *Espaço Plural*, v. 9, n. 18, p. 148, 1. sem. 2008.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

materialidade. Desse modo, amparados em Bachelard<sup>6</sup>, buscamos um melhor entendimento, quando o autor observa que “compreende-se bem depressa que os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento pela natureza [...]”<sup>7</sup>. A partir desse fator, acrescenta que “não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real” e complementa: “a natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas suas coisas um amor que se fundamenta alhures.”<sup>8</sup>

Com cautela, mediante as observações apresentadas pelo autor, levantamos o questionamento do fascínio que exercem as imagens construídas e comercializadas sobre o Pantanal e, nesse fascínio, o elemento de maior amplitude são as águas. Essas que, por sua vez, despertam para o encantamento que configura a água como o olhar da terra, que, por deveras, está associado, ainda, nas palavras de Bachelard ao “seu aparelho de olhar o tempo.”<sup>9</sup>

Nessa perspectiva, quando elaboramos a representação do real, ou seja, do Pantanal, elaboramos também a transformação do real e de atribuição de sentidos à nossa visão de mundo. Considerando que as representações não são simplesmente imagens que classificamos como verdadeiras ou falsas da realidade, elas contêm elementos capazes de efetivar o que se diz, ou seja, de fazer crer. No que se refere à construção das identidades e das representações sobre a planície pantaneira e seus habitantes, é importante que a atenção esteja voltada, além dos gestos e comportamentos, para as ideias e os discursos, sem descartar o fato de que as representações não são simples reflexos da realidade, mas entidades que vão construindo as próprias representações e divisões do mundo social no qual se inserem.

Se por um lado, economicamente o Pantanal foge da imagem da estagnação que se apresenta aos menos avisados ou para os observadores à distância, por outro lado, suplanta as imagens idílicas criteriosamente escolhidas para preencher lacunas de calendários turísticos. Parece complexo, no entanto, é preciso entender o sujeito inserido no espaço e no tempo, participe das temporalidades históricas. A análise da constituição dos processos históricos e da construção das identidades e seus desdobramentos permitem tal entendimento. Para tanto, sabedores que “os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’”, e sim, “um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea”<sup>10</sup>, entendemos que quando falamos em identidade e diferença é

---

<sup>6</sup> BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>7</sup> BACHELARD, op. cit., p. 119.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autentica 2010. p. 137.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

preciso ter em mente que a identidade adquire um sentido, através e/ou por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada, não existindo, desse modo, análises e conceitos fixos, mas um olhar e uma análise diferenciada sobre o sujeito e suas práticas. Aspectos e elementos já muito bem trabalhados por Albana Xavier<sup>11</sup>, Frederico Fernandes<sup>12</sup> e Mário Cesar Leite<sup>13</sup> quando apresentam estudos e análises sobre as práticas culturais, mitos, lendas e costumes que envolvem o cotidiano e a experiências dos habitantes do Pantanal.

Partindo de tal análise, entendemos que do ponto de vista sociológico, toda identidade é construída, portanto, a principal questão diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, pela geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, pelos aparatos do poder e de cunho religioso. No que diz respeito aos atores sociais, Castells<sup>14</sup>, entende por identidade o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo pode haver identidades múltiplas, no entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social. Podemos dizer que identidades organizam significados.

Como historiadores e como pesquisadores, compreendemos que a construção da identidade é parte de um processo de interação do homem com o mundo e de seus agenciamentos<sup>15</sup>, ou seja, são as experiências vividas que permitem ao homem a elaboração de mecanismos que possibilitem sua permanência em grupos e/ou sociedades. Todos vivenciam as tradições, todos vivenciam novas experiências, todos adentram as fronteiras culturais, de linguagens, diálogos com o outro que atua como referência na construção da identidade tanto individual quanto coletiva. Considerando que a sociedade moderna tem ânsia pela ordem, a construção da identidade se dá frente à alteridade, assim a própria modernidade tardia atua como parte do processo de construção da ordem, vinculada aos projetos

---

<sup>11</sup> NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2002.

<sup>12</sup> FERNANDES, Frederico A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

<sup>13</sup> SILVA LEITE, Mário C. *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156 p. (Coleção Tibaré de estudos mato-grossenses, v. 4).

<sup>14</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 2. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

<sup>14</sup> ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>15</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

individuais e/ou coletivos do viver em sociedade, concatenados à complexidade social e educacional que se articula com intrínsecas relações de poder, de saber e das diferenças.

Nessa perspectiva, a identidade não pode ser concebida como singular, ela figura como legitimadora ou mesmo como resistência e/ou de rejeição de tais projetos. Conforme analisado por Stuart Hall<sup>16</sup>, se ocorre uma “crise das identidades” essa é o resultado de um processo de deslocamentos identitários. A modernidade favorece a separação de tempo e espaço, já a pós-modernidade não traz essa separação, favorecendo a construção e a compreensão da identidade como uma fonte de significados e experiências de um indivíduo e dos desdobramentos do sujeito. Como são processos de construção, analisa o autor, as identidades podem ser defensivas, ou seja, são reações pelas quais a sociedade está passando como, por exemplo, a formação de identidades de grupo, segregadas, em torno de determinados princípios comunais, ligados ao desenvolvimento global, a densidade demográfica e a urbanização. Desse modo, a globalização gera problemas no jogo das identidades inseridas em uma modernização acelerada, atuando como possibilidade de inserção, negando de certa forma a exclusão, suscitando novas identidades.

É necessário, portanto, entender como esse modelo constitutivo de globalização está associado à formação de identidades cada vez mais “maleáveis”, que permitem ao sujeito uma mobilidade, um trânsito sociopolítico e sociocultural, permeado pelas traduções<sup>17</sup> e pelos movimentos diaspóricos. As identidades grupais, comunais, a identidade defensiva e a reativa, se dão a partir do local de inserção do sujeito, ou seja, agrega os mais próximos, que juntos, formam movimentos que articulam lutas em torno da construção de novos “sujeitos” e de novas representações. Análises essas que nos levam às reflexões propostas por Maffesoli<sup>18</sup>, quando pontua que o homem é dinâmico, é híbrido influenciável, sendo assim suscetível a se desenvolver, partindo de diferentes esferas de influências as quais está submetido em determinado contexto temporal e espacial. Prosseguindo, para o autor, é a relatividade da identidade que atua como um amálgama condicionando a essencial ligação entre os elementos dos conjuntos, unindo uns aos outros. Portanto, qualquer que seja o domínio – político, econômico, religioso –, é a vida em comum que será privilegiada pelo grupo, fortalecendo os laços de identidade e identificação.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> A tradução, em sentido etimológico, significa transferir, transportar entre fronteiras, conforme abordado por Stuart Hall, descrevendo assim a formação de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, negocia-se com as novas culturas, mas sem perder completamente a sua identidade.

<sup>18</sup> MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

<sup>19</sup> MAFFESOLI, op. cit., p. 307.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

Nesse contexto, segundo Hall, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”, e prossegue salientando que “há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções”<sup>20</sup>. Tal afirmação é dada pelo autor com base na análise de que, em princípio, temos o homem moderno, centrado, um sujeito único cuja identidade é fixa, estável. Assim, quando se processam os discursos, moldam-se uma identidade fixa e um sujeito singular.

Seguindo a mesma perspectiva, ao apresentar sua análise sobre a identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall vem abordando temas como cultura, arte, arquitetura, urbanismo, cinema e também sobre tempo e espaço, analisando seus reflexos na sociedade contemporânea como na construção de lugares para se viver, consumir e sentir-se seguro, permitindo, assim, a construção de algum sentido limitado e limitador de identidades. Para Hall, o que costumamos chamar de “crise de identidade” é um processo de transição, associado aos novos padrões que emergem amalgamados às novas práticas culturais, que recebem, por sua vez, a contribuição das novas tecnologias. Tal processo pode gerar a descartabilidade, da manipulação de opinião, a partir da construção de novos sistemas de signos e imagens, de uma rede de relações mais ampla que permite a articulação de uma rede de trocas que favorece a diversificação não apenas de valores como também das práticas. Portanto, esse processo não pode ser visto e analisado, segundo Hall, como de fragmentação, mas como processos de deslocamentos dos indivíduos frente a uma ancoragem estável do mundo socialmente estabelecido onde as “identidades podem sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articuladas”<sup>21</sup>. Contudo, na medida em que o “cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno”<sup>22</sup>, foi necessário buscar uma concepção mais social do sujeito. Começavam a emergir novos sujeitos, novas identidades, emerge a descentralização do sujeito como singular.

Na análise apresentada por Hall esses deslocamentos e rupturas nos discursos do conhecimento moderno partem de cinco descentrações do sujeito cartesiano: o primeiro está relacionado ao pensamento marxista que apresenta um sujeito dividido em duas partes, deixando de ser singular, e, com base nas teorias de Althusser, afirma que o homem está inserido nas relações sociais, não figurando apenas abstratamente no centro de um sistema teórico, ocasionando forte impacto sobre os mais variados segmentos do pensamento moderno.

---

<sup>20</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 30.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

O segundo descentramento vem das teorias Freudianas que, baseando-se em Lacan, apresenta o sujeito inserido em um sistema de construções simbólicas e de representações, da formação inconsciente do sujeito, ou seja, “embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’<sup>23</sup>”, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma “pessoa unificada que ele formou na fase do espelho”<sup>24</sup>. Desse modo, a identidade pode ser vista e analisada como algo formado ao longo do processo histórico temporal, através de processos inconscientes, não sendo algo inato, algo dado e, sim, construído, ocorrendo os desdobramentos do “eu” em vários “eus”, é um processo em contínuo andamento.

O terceiro descentramento apresentado por Hall está ligado à linguística de Saussure, onde o “significado surge nas relações de similaridade e a diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua”<sup>25</sup>. Com base em Saussure, Derrida argumenta que não é possível ao sujeito estabelecer e fixar um único significado, incluindo aí o significado da sua identidade, posto que “o significado é inerentemente instável” sendo constantemente perturbado pela diferença, dando margem para outros significados suplementares.<sup>26</sup>

O quarto descentramento do sujeito como singular está ligado às análises de Foucault que apresenta o sujeito engendrado num poder disciplinador, preocupado com regulações e vigilância do sujeito, do indivíduo, de seu corpo, de suas ações. O objetivo principal desse poder disciplinador é o controle sobre o sujeito e suas técnicas que em uma modernidade tardia “envolvem uma aplicação de poder e do saber que ‘individualiza’ ainda mais o sujeito” e envolve-o mais intensamente. Portanto, para Foucault, “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual.”<sup>27</sup> A modernidade tardia constrói o sujeito amalgamado às instituições de poder nas estruturas da dúvida; um homem que ao mesmo tempo em que está inserido na história, está separado da sua história, individualizado, entretanto, desdobrado.

O quinto e último descentramento do sujeito moderno, apresentado por Stuart Hal, está associado ao feminismo que apresenta e analisa a forma pela qual se dá a construção do sujeito e da sua identidade na modernidade tardia ou pós-modernidade. Sendo um sujeito que

---

<sup>23</sup> HALL, op. cit., p. 38

<sup>24</sup> Ibid., p. 38.

<sup>25</sup> Ibid., p. 40.

<sup>26</sup> Ibid., p. 41.

<sup>27</sup> Ibid., p. 43.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

carrega uma “pseudo” ideia de liberdade que auxilia na construção dos seus vários “eus” e favorecem os seus deslocamentos. O movimento feminista trouxe consigo a possibilidade das políticas de identidades, favorecendo um debate que auxilia no entendimento da construção do processo histórico e de suas implicações para a construção da identidade pelos sujeitos, favorecendo o “descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico”<sup>28</sup>.

Considerando, portanto, que não há um único “sujeito” e que as identidades não são unificadas, são plurais e continuamente deslocadas, permitindo intensos câmbios entre os diversos aspectos que abarcam a composição social, onde em cada situação há uma negociação de identidades, é possível, partindo desse entendimento, afirmar que tanto a identidade quanto o sujeito são construídos historicamente e não biologicamente. Assim, o indivíduo interage com ele mesmo e com o mundo, uma interação complexa entre sujeito e a sociedade que coloca em cena um intrincado jogo de interesses, articulações e agenciamentos de sujeitos plurais.

Portanto, em conformidade com Hall, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconsistentes, e não algo inato, existente na consciência do nascimento”<sup>29</sup>. Na perspectiva de análise apresentada por Hall, somos vários “eus” divididos e numa única unidade, ou seja, no indivíduo que nunca é o mesmo, que articula e elabora estratégias de negociações dos variados “eus” cotidianamente. Partindo dessa premissa, não é possível pensar a identidade e a cultura nacional como unificadas, mas como processos discursivos em constante construção. Para Hall, a cultura nacional precisa ser pensada como sendo “atravessadas por profundas divisões e diferenças internas”<sup>30</sup>, e cujas diferenças favorecem a alteridade.

Partindo das análises acima expostas, entendemos que a identidade é um conceito que tenta representar aquilo que somos e o que nos liga a outras pessoas, o nosso possível “eu” e a nossa similaridade, proximidade e pertença a uma dada sociedade ou grupo. Hall aponta que este conceito modificou-se ao longo da modernidade. O Iluminismo pensa um “eu real” para cada indivíduo, estático que não se modificaria. Posteriormente, a Sociologia afirma que este “eu” é produto da relação com um “nós”, ou seja, da articulação entre indivíduo e sociedade. Percebemos uma tentativa antropológica de estabilizar, de classificar os fenômenos para estudá-los e criar paradigmas de conhecimento científico. Este é o projeto moderno e seu conceito de identidade é estático, porém, na atualidade, a visão desta

---

<sup>28</sup> HALL, op. cit., p. 45.

<sup>29</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.38

<sup>30</sup> HALL, op. cit., p. 62.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

identidade não é de unicidade, mas fragmentada, móvel e seus elementos, dependendo das situações, são manipulados pelos agentes.

Na mesma ótica de análise, Nicolas Rose<sup>31</sup> aponta a impossibilidade de uma construção de identidade singular, fixa e imutável. Para o autor, enquanto seres humanos, somos dinâmicos. Influenciamos e deixamo-nos influenciar, o que nos deixa susceptíveis e permite-nos desenvolver identificações a partir das variadas esferas de influência em um determinado contexto temporal e espacial. As transformações do eu variam desde a aparência física, em um primeiro momento, à representação, ao social – privado ou profissional –, ao público. Enfim, raramente o indivíduo é homogêneo a si próprio, ele se transforma, é flexível, está em constante movimento, em constantes mutações. Análise partilhada por Gruzinski<sup>32</sup> ao falar da cilada que é pensar a identidade como estável e invariante, negando, dessa forma, que cada indivíduo é dotado de uma série de identidades, as quais ativa simultaneamente, dependendo dos contextos. Conseqüentemente, cada indivíduo possui uma plêiade de interlocutores – dotados de identidades –, o que nos leva a concluir, de acordo com o autor, que a identidade define-se sempre dependendo das relações e interações múltiplas.

De acordo com Rose, o sujeito dobra-se e desdobra-se ao infinito, despedaçando-se, não sendo único em momento algum. Para o autor, “o sujeito tem que ser reconstituído em cada momento discursivo de enunciação”<sup>33</sup>. Assim, para se reconstituir o indivíduo precisa mesclar-se da multiplicidade de “eus”, o que lhe garante uma sobrevivência. Nessa pluralidade, a abertura do sujeito amplia-se até integrar outras qualidades, de outros “*outros*” numa tentativa de firmar-se como realidade ou como identidade. A pessoa troca as mais diversas máscaras (linguística, sexual, ideológica, vestimenta, etc.), e registra-se, dessa forma, a causa e o efeito plural da pessoa. Como já apontado, não existe um único “eu”, ao contrário, esse “eu” possui várias identidades, que, por sua vez, são ambíguas, dicotômicas, bipolares e, não raras vezes, opostas. Nesse processo de constituição de identidades e da descentralização do sujeito, da fluidez das fronteiras, observamos que juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a proliferação subalterna da diferença. As coisas parecem entre si um tipo de homogeneidade da cultura global, mas, ao mesmo tempo, é a proliferação das diferenças. Para isso, criam-se mecanismos para que o local passe a aceitar o global, sendo esse inserido aos poucos nesse sistema heterogêneo.

---

<sup>31</sup> ROSE, op. cit.

<sup>32</sup> GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>33</sup> ROSE, op. cit., p. 149.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

Hall cita Derrida e mostra-nos o conceito que denomina de *différance*: que caracteriza um sistema onde cada conceito está inscrito em uma cadeia ou em um sistema, dentro do qual ele se refere ao outro e aos outros conceitos, através de um jogo sistemático de diferenças<sup>34</sup>. É no “jogo das diferenças” que se constroem as identidades que estão estreitamente ligadas ao “jogo de interesses” no qual o sujeito está inserido. Isto dificulta a identificação da própria identidade. Tal análise está concatenada às análises de Woodward, quando a autora aponta que “a identidade é relacional”, que para existir depende de algo fora dela, “de uma identidade que ela não é”<sup>35</sup>.

Em conformidade com a análise de Woodward, o sujeito constitui-se na pluralidade das relações consigo mesmo, com outrem e com o outro. O duplo e o dúbio também jogam com o indivíduo e com a pessoa na construção identitária. São sujeitos com disponibilidade para negociar suas identidades, que incorporaram elementos do outro, sem ser este outro, e ao mesmo tempo manter os seus próprios, ou seja, é uma dinamicidade do processo histórico, mantendo traços anteriores (memórias e tradições) e buscando novos. Portanto, como entender e analisar a inserção e a interação entre identidade e cultura no Pantanal?

Na análise de Hall e nas tradições dos Estudos Culturais, a cultura “é entendida tanto como uma forma de vida”<sup>36</sup>, englobando aspectos como linguagens, práticas, símbolos, atitudes, ideias, “quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante”<sup>37</sup>, ou ainda, como afirma Hall ao ver a cultura como um complexo de signos e significações (incluindo a linguagem) que origina códigos de transmissão de valores e significados sociais, é possível, ao menos iniciar a tarefa de desvelar suas complexidades nas condições atuais, mediante o reconhecimento de que os produtos que consumimos são eles mesmos os portadores primários de códigos culturais. Embora, salienta Hall, é necessário “analisar a relação entre cultura e significado.”<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003. p. 60-61.

<sup>35</sup> WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9.

<sup>36</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

<sup>37</sup> NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação).

<sup>38</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

Nessa mesma perspectiva de análise, Woodward salienta que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos”<sup>39</sup>. Nesse contexto, são os discursos que atuando como sistemas de representações encarregam-se de construir os lugares a partir dos quais os indivíduos passam a se posicionar socioculturalmente, portanto, segundo a autora, produzem-se diferentes significados pelos mais diversos sistemas simbólicos. Significados que podem ser tanto contestados quanto cambiantes.

Partindo dessa ótica de análise, ousamos questionar como e de que maneira articulam-se os discursos e as representações atribuídas ao Pantanal Sul-matogrossense, tendo como base a questão da representação e da identidade, conceito tão caro, primeiro para Mato Grosso e, posteriormente, a divisão de 1977<sup>40</sup> para o próprio estado do Mato Grosso do Sul, sendo que a própria definição do conceito de região é objeto de lutas e/ou discussões por parte de geógrafos, pioneiros e memorialistas, etnólogos, antropólogos, sociólogos e também os historiadores onde:

A construção de uma memória historiográfica foi em boa medida a sustentação de um projeto identitário forjado, tendo em vista dois aspectos principais (...). Em primeiro lugar era necessário construir para os próprios mato-grossenses uma identidade que os unisse diante da ameaça que a chegada de estranhos representava (...). O segundo aspecto diz respeito ao fato de que era preciso reagir às imagens negativas que externamente eram divulgadas sobre Mato Grosso.<sup>41</sup>

Com cautela, ponderamos que se deve atentar para a necessidade de se definir região, primeiramente, como um território contínuo, ocorrendo dentro deste os processos de produção e de reprodução de um modelo determinado de convivência social – harmonioso e/ou conflituoso – como um sistema de valores e interesses que dá forma a uma identidade coletiva capaz de gerar atitudes de lealdades e apego, geradora de traços identitários entre seus habitantes.

Relevante ressaltarmos aqui a leitura e discussão proposta por Bourdieu<sup>42</sup>. O autor sinaliza que é preciso primeiramente entender o conceito de região, ou seja, entender o método de construção do conceito tomando como base os próprios elementos utilizados na sua construção, os meios e

---

<sup>39</sup> WOODWARD, op. cit., p. 17.

<sup>40</sup> Sobre a divisão do Estado do Mato Grosso: BITTAR, M. *Mato Grosso do Sul: a construção de um Estado, regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. v.1.

<sup>41</sup> ZORZATO, Osvaldo. Alicerces da identidade mato-grossense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v.161, p. 419-436, jul./set. 2000.

<sup>42</sup> BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação; elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989. p. 107-132.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

as representações, os processos e interesses nele envolvidos. O que ocorre é que “os processos em jogo”, através dos quais o conceito é produzido, está intimamente ligado, articulado entre interesses e representações, recaindo sobre a necessidade do reconhecimento e da identidade. Se por um lado a região figura como objeto de lutas entre as áreas de conhecimento que se utilizam de critérios e métodos próprios do seu campo de saber para definir o conceito, por outro lado, a região estará associada à identidade como produto do lugar, à política e ao regionalismo, à economia e ao ordenamento de territórios. Os critérios utilizados são por si mesmos objetos das representações mentais que envolvem estratégias para a construção de um conceito de região associada à identidade e à articulação de sinais e símbolos que a justifiquem.

Nesse jogo de construção estão intrínsecos os “interesses materiais e simbólicos do seu portador”<sup>43</sup>, no caso do Pantanal, dos chamados pioneiros. Entra em jogo a luta pelo reconhecimento das representações como realidade. O discurso regionalista tem por função impor e legitimar, de fazer conhecer e reconhecer a região. É na eficácia do discurso que se encontram elementos como a linguagem que, atuando como artefato social, traz à existência o que é enunciado, faz sobrevir o que enuncia – papel dos memorialistas. A autoridade do discurso está na sua origem, no grau de fundamentação e na sua aceitação. Tal análise leva-nos a refletir sobre as representações quando o autor pondera que a representação se justifica, ou seja, pelo efeito próprio da evocação do que ela representa como uma realidade. Para Bourdieu, “qualquer enunciado sobre a região funciona como um argumento que contribui – tanto mais largamente quanto mais largamente é reconhecido – para favorecer ou desfavorecer o acesso da região ao reconhecimento e, por esse meio, à existência”<sup>44</sup>.

Com base na análise de Bourdieu cuja reflexão está centrada na ideia de região, critérios e elementos utilizados para sua construção e reconhecimento, observamos que esse processo de construção envolve aspectos como a constituição de territórios e as representações empregadas como enunciadores da realidade favorecendo sua legitimação. As lutas e o jogo de interesses que envolvem emblemas e símbolos que, com efeito, produzem as determinações de uma posição central ou local no espaço de visão no qual está inserido, diferentemente da análise de Bourdieu, Durval Albuquerque<sup>45</sup> afirma que a região pode ser vista e entendida em grande medida como fruto de saberes e discursos que a constituíram e a

---

<sup>43</sup> BOURDIEU, op.cit.

<sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação; elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In:\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989. p. 120

<sup>45</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Revista Fronteiras*, Dourados: UFGD, v. 10, n.17, p. 55-67, jan/jun. 2008.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

sustentam. A análise de tais saberes é um procedimento necessário para o entendimento de como os mesmos delinearão, demarcaram suas representações dando-lhes visibilidade.

A crítica elaborada e a reflexão proposta por Durval Albuquerque contemplam um panorama geral do campo historiográfico e a emergência da temática sobre região e regional, que se dá em virtude das várias mudanças e fatores que produziram novos olhares sobre o conceito de região frente às transformações recentes na História, modificando, assim, não apenas os campos de saber como também a organização espacial, chamando a atenção para regiões historicamente desconhecidas como, por exemplo, o nordeste e o centro-oeste. Para o autor, o conceito de região faz parte de estudos e pesquisas como um objeto constituído, não se constituindo em si uma problemática, os problemas apresentados são oriundos da região, mas ela em si não é problema. Muitos desses estudos apresentam a região como um elemento facilitador das demarcações na historiografia, negligenciando-se o espaço como dimensão constituinte de seus próprios elementos históricos.

Conceber o Pantanal como imóvel implica na concepção de um espaço de dominação que não articula e não produz espaços diferenciados de lutas e estratégias tanto de dominação política como simbólica. É afastar o que denominamos de região como parte de um processo de movimentação histórica, cabendo aqui questionar os saberes que lhe deram forma, identidade, que a definiram e a demarcaram, dando visibilidade, que a nomearam e a distinguiram, dando-lhes características<sup>46</sup>. Nesse contexto, conforme analisado por Zorzatto, foram os estereótipos construídos sobre o Mato Grosso que serviram de base para a busca e construção de imagens e representações para a região, através de alguns aspectos que envolviam a estruturação social e étnica, na escrita de uma obra civilizadora que registrasse o papel dos civilizadores do sertão, a consolidação e defesa das fronteiras geográficas e não podemos deixar de acrescentar o pioneirismo, fator legitimador da supremacia. As junções de tais fatores constituíram a brasilidade mato-grossense que levaria à conquista, impulsionando “a exploração das riquezas naturais adormecidas em regiões inóspitas”<sup>47</sup>, ou conforme analisado por Virgílio Correa, cabia ao homem dominar a natureza deletéria dos pantanais e escrever sua História<sup>48</sup>.

O desafio maior consiste em não sucumbir ao discurso de construção e sim desconstruí-lo. A chamada história regional pode incorrer no risco da legitimação e da

---

<sup>46</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, op. cit., p. 58.

<sup>47</sup> ZORZATTO, Osvaldo. Alicerces da identidade mato-grossense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v.161, p. 419-436, jul./set. 2000. p. 422.

<sup>48</sup> CORRÊA FILHO, V. *Pantanais Matogrossenses: devassamento e ocupação*. Rio de Janeiro: IBGE; Conselho Nacional de Geografia, 1946.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

vinculação de recortes espaciais vistos como regionais, tornando seus estudos um objeto de saber à disposição dos interesses e projetos políticos e econômicos, aprisionados pelo dispositivo da identidade. Em conformidade com Durval Albuquerque, “a região em certas formulações historiográficas, ganha a conotação de espaço vencido, de espaço subordinado, de espaço explorado, de espaço discriminado”<sup>49</sup> e extinguindo a possibilidade de contrapor tal projeção de imagem. Analisamos que para que possa existir a região precisa, necessariamente, existir para e nas subjetividades de quem a reconhece, a vivencia e de quem a pratica ou em nome dela discursa, não basta definir a região apenas enquanto elemento de um sistema capitalista baseado em sua utilidade e funcionalidade.

As observações propostas por Durval Albuquerque permitem-nos analisar que a relação do homem e natureza no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente são marcados pelos períodos das cheias e sua antítese, as secas, inerentes ao Pantanal. Essa interação está marcada pela impossibilidade do controle e, ao mesmo tempo, reafirmando a identidade do homem que resiste às condições de um ambiente hostil para muitos. Os moradores dos pantanais demonstram um conhecimento profundo dos ciclos das águas e da vastidão dos campos encharcados. Eles mantêm sua mobilidade percorrendo o caminho das águas. Resistência, liberdade, força, beleza e encantamento norteiam as estratégias por eles adotadas para passar pelas enchentes, nas quais nunca perde a direção. São elementos e/ou aspectos que compõem a identidade pantaneira. Não permitindo a dissociação do conjunto de afinidades e valores. Está atrelada a referência territorial da região dos pantanais. Fato observado na fala dos chalaneiros<sup>50</sup>, que em suas narrativas afirmam que as enchentes apresentam um Pantanal que se perde e se confunde com o céu, não tem limites. São duas dimensões distintas equiparadas pela perspectiva da pertença do homem nas duas esferas.

Concluimos, ousando questionar qual é a imagem que construímos sobre o Pantanal? Como nominá-lo ante as transformações pelas quais é submetido cotidianamente? Como sua geografia e suas paisagens são alteradas pelas águas, que em muito contribuem para a construção de imagens paradisíacas, não são raras as pessoas que preenchem o espaço pantaneiro com peixes, jacarés, onças e tuiuiús. Cenário de uma natureza imóvel e intocada, acompanhada de um considerável exotismo compondo a fauna. Outros o preenchem com mitos e lendas, gestando um paraíso, misturando a realidade com ficção, delineado por uma

---

<sup>49</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, op. cit., p. 59.

<sup>50</sup> Piloto e/ou condutor de pequena embarcação fluvial de fundo chato, lados retos e proa e popa salientes, própria para o transporte de pessoas e mercadorias.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 44-60. ISSN:1808-8031

enormidade de coisas sem nome. Historicamente construíram-se representações de um ambiente onde o nome sem coisa foi preenchido paulatinamente pela mídia e pelo imaginário do homem, alheio à realidade do espaço em discussão. Uma não representação, um nome sem coisa, no entanto, preenchendo todas as imagens, digamos um nada sem nome, gestando uma identidade tão móvel e dinâmica quanto suas águas.